

CORPO DEFICIENTE E TÉCNICAS DE SI NA PANDEMIA DISABLED BODY AND TECHNIQUES OF THE SELF IN THE PANDEMIC

Jéferson Alves

alves.jef@hotmail.com

Doutorando em Antropologia Social (UFRGS). Bolsista CAPES. Pesquisador do NUPACS (Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6286-1696>

Ceres Gomes Victora

ceresvictora@gmail.com

Departamento de Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFRGS). Pós-Doutora em Antropologia Social. Professora titular do PPG em Antropologia Social (UFRGS) e coordenadora do NUPACS.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9363-3883>



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

RESUMO

O objetivo do presente texto é considerar as experiências de pessoas com deficiência (PCD) na pandemia de covid-19 e as estratégias criadas para (sobre)viver ao contexto que se/lhes impõe. Os relatos e dados apresentados advêm de entrevistas e conversas informais, via skype e whatsapp, usados como forma de manter o isolamento social, mas também de gerar acessibilidade para corpos deficientes (do pesquisador e dos entrevistados), bem como de uma pequena autoetnografia. Esses relatos demonstram que a pandemia atinge corpos de maneiras diferentes, e que os corpos deficientes são atingidos de formas mais perigosas, daí a necessidade de se criar estratégias e técnicas de si (FOUCAULT, 2010) para (sobre)viver na/à pandemia. Isso demonstra, ainda, a potencialidade, criatividade e inventividade dos corpos deficientes, tanto em relação a si mesmos quanto como pontos de contraste e de reflexão acerca da sociedade.

Palavras-chave: deficiência; corpo; técnicas de si; pandemia; covid-19.

ABSTRACT

The objective of this text is to consider the experiences of disabled people in the covid-19 pandemic and the strategies created to survive/to live

in the context that is imposed on them. The reports and data presented come from interviews and informal conversations, via Skype and WhatsApp, to maintain social isolation, but also to generate accessibility for disabled bodies (of the researcher and interviewees), as well as a small autoethnography. These reports demonstrate that the pandemic affects bodies in different ways, and that disabled bodies are affected in more dangerous ways, hence the need to create strategies and techniques of the self (FOUCAULT, 2010) to survive to/to live in the pandemic. This also demonstrates the potential, creativity and inventiveness of disabled bodies, both in relation to themselves and as points of contrast and reflection about society.

Keywords: disability; body; oneself techniques; pandemic; covid-19.

INTRODUÇÃO

As pessoas vivem e experienciam a pandemia de maneiras diferentes. O próprio termo pandemia envolve diversos fatores que vão além de um vírus: são as infraestruturas, o sistema econômico, a má distribuição de recursos, a falta de ações políticas que constituem uma pandemia.

Não se trata apenas da agudeza avassaladora da doença que o vírus pode provocar, a covid-19. Trata-se do modo como a pandemia evidencia muitas camadas de vulnerabilidade. Elas se acumulam nas situações de desigualdade de acesso a serviços de saúde e de proteção social. Na fragilização do cuidado de si e do coletivo em face de incontáveis problemas socioeconômicos como a precarização do trabalho e o desemprego. Na necropolítica das inúmeras formas de racismo, exclusão e violência estrutural, sobremaneira aquelas manifestadas no robusto projeto de denegação que tem sido protagonizado por governos que combinam o neoliberalismo e o emergente extremismo de direita, como é o caso do Brasil (SEGATA, 2020, p. 277).

As Pessoas com Deficiência (PCD), nesse contexto, são participantes de uma dessas camadas de vulnerabilidade. São diversas as formas como a pandemia tem escancarado as condições precárias que uma sociedade capacitista dá às PCD. Mariana Torquato, ativista com deficiência que tem o maior canal do youtube¹ sobre deficiência no Brasil, fala sobre isso:

A pandemia serviu para as pessoas verem como é ter seus direitos básicos negados, como é ser uma pessoa com deficiência e viver em isolamento, pois muitas pessoas vivem em isolamento por conta da sociedade capacitista. Não temos o direito de ir e vir, o direito ao trabalho, à independência financeira, não temos o direito de sermos vistos como gente. Aham que pessoas com deficiência não fazem sexo, que não podem se relacionar, que são menos capazes de trabalhar, que não servem para nada, só para emocionar e serem exemplo de superação na internet.²

E, apesar dessas más gestões em nível macro da pandemia, pessoas têm se desdobrado e criado estratégias para lidar com a pandemia no cotidiano. São ações micro que têm como pano de fundo uma pandemia. Muitos são os trabalhos que estão surgindo nesse sentido de pensar as particularidades da pandemia (SEGATA, 2020; SEGATA; BECK; MUCCILLO, 2020; SCHUCH; VÍCTORA; SIQUEIRA, 2020).

O presente texto trabalha com a perspectiva da deficiência a partir da teoria *crip*, construída por McRuer (2006). Isto é, deficiência é compreendida em seus aspectos de produção cultural, a partir do conceito de corpo-capaz (*ablebodiness*), conceito central na obra de McRuer. Essa perspectiva teórica surge a partir de uma análise crítica da teoria *queer*, a partir de autoras como Butler (2015, 2017).

Referindo um caminho trilhado pelos Estudos da Deficiência, podemos citar o trabalho de Débora Diniz (2007), “O que é deficiência?”, que traz um apanhado histórico que vai até o modelo social da deficiência – este que é criticado pela teoria *crip*, sem, no entanto, se deixar de ressaltar o devido valor histórico-político do mesmo.

Além disso, vale destacar que os Estudos da Deficiência, apesar de recentes (em nível mundial, podemos considerar a década de 1980 como seu início), têm tomado grande valor e importância dentro dos ambientes de pesquisa. No Brasil, temos autoras e autores importantes, e, para citar alguns que trabalham com a perspectiva *crip*, vale destacar os trabalhos de Anahí Guedes de Mello (2014), Marco Gavério (2017) e Pedro Lopes (2019), além de trabalhos em conjunto desses autores (MELLO; NUERNBERG, 2012; MELLO; NUERNBERG, 2013; MELLO; GAVÉRIO, 2019).

Também saliento que os estudos com a intersecção Deficiência e covid-19 estão sendo largamente produzidos. Para trazer alguns desses aqui, sublinho o Boletim n. 35, de 7 de maio de 2020, da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), redigido por Patrice Schuch e Mário Saretta (2020); o texto “Pessoas com deficiência na pandemia da covid-19: garantia de direitos fundamentais e equidade no cuidado”, de 2021 (SALDANHA *et al.*), que é um compilado de artigos com os temas “Pessoa com deficiência” e “covid-19”; os trabalhos e pesquisas realizadas pela Rede Covid-19 Humanidades; e, um dos mais importantes, o dossiê da *Disability Studies Quarterly*, de 2021, “Disability and covid-19”, que reúne uma série de artigos com a temática. Há, ainda, outros tantos artigos sobre o tema, mostrando, também, a relevância da temática.

Me proponho a refletir, a partir do relato de dois interlocutores PCD e de uma pequena autoetnografia, sobre como as estratégias das PCD na pandemia são criadas, quais as suas potencialidades e quais suas implicações no dia a dia dessas pessoas. Isso, levando-se em consideração a perspectiva da deficiência como potência para pensarmos corpos, pandemia, cultura e sociedade.

AS PCD E SEUS CUIDADOS

As teorias do cuidado, que são muitas e com trabalhos extensos (KRÖGER, 2009; MOL; MOSER; POLS, 2015; TRONTO, 2015; FIETZ, 2016; BLANC; LAUGIER; MOLINIER, 2020; SCHUCH; VÍCTORA; SIQUEIRA, 2020), lidam, em grande parte, com uma perspectiva do cuidado que tem sempre um direcionamento: de um “cuidador” para um “cuidado”. Os trabalhos que envolvem PCD sendo cuidadas também têm bastante relevância (e figuram nos trabalhos supracitados).

Me coloco a refletir, no entanto, como algumas PCD figuram numa intersecção entre autonomia, independência e cuidado de si. Essas pessoas são “autônomas” e “independentes” no sentido de que têm um emprego, têm moradia, estão em condições econômicas de se manterem isoladas na pandemia e, ainda, conseguem construir uma vida relativamente precavida nessa situação pandêmica.

Argumento, no entanto, como o fiz em outro momento (ALVES, 2020), que a perspectiva de autonomia extrapola a colocada por um ideal neoliberal, isto é, não se “perde” autonomia por se relacionar com outras pessoas. Antes, é somente pela percepção de que nos constituímos e vivemos em sociedade que se pode perceber a autonomia nas e pelas pessoas. Nesse sentido, o cuidado de si das PCD na pandemia aparece de diversas maneiras, algumas delas colocadas por meus interlocutores.

Vulcano^{3, 4} é Pessoa com Deficiência, homem, hétero, cis, branco e de classe média. Essas definições implicam na análise, uma vez que os privilégios advindos de seus marcadores sociais são relevantes para as experiências vividas, principalmente em relação à moradia e às interações sociais com outros sujeitos.

Ele trocou de moradia (saindo de um apartamento e indo para outro) durante a pandemia, como ele mesmo explica: “exclusivamente pelos efeitos da pandemia, não tanto pela doença [covid-19] em si”. Isso se deu porque houve uma tentativa de aluguel do apartamento anterior, que já estava para ser desocupado, e para isso seria necessário uma visita dos interessados. O corretor de imóveis quis forçar a visita com Vulcano em casa, porém, este não permitiu. O diálogo se deu, conforme relata Vulcano, dessa maneira:

[O corretor de imóveis disse] “Ah, mas visita o seu apartamento com distanciamento”. Eu falei: “meu querido, deixa eu te explicar uma coisa. Tem seis meses, sete meses, que eu não vejo os meus pais. Porque eu não fui, porque eles não vieram, porque não é seguro, enfim. Eu estou vendo a minha namorada”, na época namorada, “estou vendo a minha namorada, eu não vi nenhum amigo. Eu não vou receber uma pessoa... eu sei que no contrato tá escrito que eu posso. Só que na justiça eu também provo pra vocês que eu sou uma Pessoa com Deficiência e vocês não podem”. Daí a dona descobriu e falou “não, tá doido”. A dona foi legal, sabe?, eram só os corretores que queriam vender.

Conforme esse relato, a busca por vendas do apartamento trouxe um incômodo a Vulcano que este não estava disposto a suportar. Além disso, ainda relata que foi morar, por cerca de quatro meses e meio, com a ex-namorada. Não continuou nessa situação porque, uma semana após se mudar para o novo local, ambos decidiram terminar o relacionamento. Essa é outra mudança que se deu dentro da pandemia, mas que não tem uma ligação “tão direta” com ela.

Quanto ao seu dia a dia, Vulcano conta que realizar as atividades de casa demanda muito de seu corpo. Na entrevista, realizada no dia 29 de março de 2021, contou que não sentia tantas dores. Porém, em áudio enviado pelo whatsapp, no dia 01 de abril de 2021, ele se “retratou” (palavras suas), pedindo para “mudar essa parte” do seu relato. Referiu que durante várias atividades dentro de casa, como algumas na cozinha, as faxinas do apartamento, enfim, o deixavam cansado, com as pernas doloridas. Vulcano tem Síndrome de Charcot-Marie-Tooth⁵, o que lhe causa perda de força muscular. Por isso, esforços repetidos, como ficar de pé por muito tempo, cortar alimentos, varrer o chão, lavar louça, podem causar desconfortos e dores.

A experiência de Vulcano na pandemia tem algumas particularidades, que se coadunam com outras já vividas. Morou sozinho durante o período em que conversamos em 2019. Assim, algumas dessas vivências já são costumeiras. No entanto, estratégias foram criadas para (sobre)viver durante esse período. Um exemplo era o “fazer a feira” (ir até uma feira de horti-fruti na cidade de Porto Alegre, onde reside) e, lá, ficava dentro do carro, enquanto a ex-namorada caminhava entre as bancas, escolhendo os itens.

O processo de ir/voltar ao/do mercado é constituído por máscara, álcool em gel, limpeza de alimentos e troca de roupas na chegada de volta. Seus hábitos alimentares se modificaram também: passou a comprar menos carne, visto que o valor desta está alto. Além disso, seus hábitos de lazer passaram a incorporar os jogos de videogame com seu irmão e um amigo. Este hábito, conforme coloca Vulcano, se deu como forma de interagir e conversar, muito mais do que para jogar o jogo *on-line*. Também conta que começou a fazer chamadas de vídeo com os pais, uma vez por semana, coisa que nunca havia feito antes da pandemia.

Alguns de seus amigos foram visitados, ou o visitaram. Em algum momento, diz que “tocou o foda-se”, porque já não era mais possível não ver essas pessoas. Como conta, em algum momento até mesmo sem máscara encontrou uma amiga e pôde abraçá-la – um momento que ele coloca como muito importante, porque gosta de abraçar.

Vulcano ainda traz outro ponto importante: os momentos em que “precisa de um carinho”. Seus encontros também envolvem os *crushs*, que, como diz, “é um risco? É, mas, pô, cada um assume o seu. E eu acho importante, assim, porque tem momentos que a gente fica precisando de um carinho, duma atenção, porque eu não tenho familiar aqui”. Ele

remonta algumas experiências de encontros com algumas amigas, também, para mostrar que essas são as “importantes” para o manutenção de sua saúde e bem estar na pandemia.

A prática cotidiana na pandemia, assim, é bastante complexa. O caso de Vulcano mostra como há questões intrincadas. Ver as pessoas, se encontrar presencialmente, só é possível se for com o conhecimento dos hábitos desse outro. Por isso a visita dos interessados no antigo apartamento não era permitida, mas o convívio com a (naquele momento) namorada, com as amigas e com os *crushs* depois do término são. Isto também revela questões emocionais. É por precisar de afeto, de carinho, de atenção, e por estar longe de familiares, tudo isso na experiência da pandemia, que ele “toca o foda-se” para ver essas pessoas presencialmente.

Vale ainda destacar que o “tocar o foda-se” não é de fato não tomar cuidados: os protocolos de álcool em gel, de visitas de amigas que tomam banho antes de abraçá-lo, de ver algumas delas com distanciamento, de dentro do carro e com máscara, são seguidos. “Tocar o foda-se” se refere a um complexo que envolve desde os conhecimentos então adquiridos sobre os perigos da covid-19, até as possibilidades de encontro mantendo um mínimo protocolo de segurança. Ainda, abrange os sentimentos das pessoas envolvidas, colocado pela frase “é um risco? É, mas cada um assume o seu”. A consciência do risco e o reconhecimento deste estão presentes, há tentativas de mitigá-lo, mas “foda-se”, os encontros serão realizadas dentro do possível.

Destaco, também, que essas experiências são marcadas por sua condição de homem branco e de classe média. O fato e poder “tocar o foda-se” diz muito sobre suas condições materiais e de gênero. O cuidado de si é possível, como aqui relatado, também por não existirem pessoas diretamente dependentes de Vulcano. Sua condição financeira permite que ele se desloque de carro pela cidade, além de poder “fazer a feira” e comprar comida sempre que desejar, mesmo que esse desejo seja saciado em dias planejados para evitar dores e outras consequências corporais indesejáveis.

Semelhante às experiências de encontro de Vulcano, Minerva⁶, mulher, branca, hétero, cis, também tem visto uma pessoa. Foi durante a pandemia, e também num ímpeto de “foda-se”. Ela conta que “cozinhou” (no sentido de o fazer esperar, de não aceitar suas investidas, mas, ainda assim, o mantendo “por perto” pelas conversas de whatsapp) durante um ano (o de 2020, também por conta da pandemia) o atual namorado, que fazia investidas e a convidava para sair. Eles se conhecem há 7 anos, mas apenas recentemente entraram nessa relação de convites, por conta da separação desse namorado de um outro relacionamento. No entanto, esses convites eram negados.

E o foram até a virada do ano, durante a festa de ano-novo, a qual passaram juntos na casa dele – um aceite de convite. Namoram desde

então e têm se encontrado periodicamente, quase sempre aos finais de semana – como trabalham muito, é difícil se encontrarem em outros dias e, às vezes, até mesmo nos finais de semana. Além disso, o que dá uma certa segurança à Minerva para os encontros é que o namorado realiza semanalmente testes de covid-19. Todos, até o momento da entrevista, deram negativos.

A sua experiência é também bastante complexa. No início da pandemia, conversamos diversas vezes. Minerva e eu somos amigos desde antes de nossa conversa para a dissertação. Assim, conversamos sobre diversos assuntos, no “privado” do whatsapp e em grupos em que ambos estamos, também no mesmo aplicativo. Em uma dessas conversas, ela relatou que tinha de fazer um isolamento dentro da própria casa, “porque meu pai e meu irmão não tão nem aí, eles acham que a doença é besteira”. Ela conta ainda que seu irmão e seu pai não reconhecem que a pandemia é mais dificultosa para ela por conta de sua Esclerose Múltipla (doravante, EM, diagnosticada um ano antes de nossa primeira entrevista, em 2018).

Essa situação a coloca em maior risco dentro de casa do que com o namorado, que trabalha diariamente tendo contato com outras pessoas. Além disso, em relação à sua “saúde mental”, Minerva não se sente bem em casa. Em suas palavras, o que mais mudou na pandemia foi a “convivência familiar extrema. Isso é um pouco tóxico”.

Recentemente, seu irmão foi diagnosticado com covid-19. Segundo ela, “ele não para em casa, tá sempre fazendo *tripezinha*, cheio de gente, sem segurança, tudo sem máscara”. Essa situação a colocou em sério risco de contaminação, o que a fez realizar um exame de teste, constando não estar com covid-19. Foi vacinada também há pouco, um processo que comemorou. Com a infecção do irmão, no entanto, precisou se isolar na casa do namorado. Comenta ainda que “ele está internado. Espero que fique bem. Eu não sinto por ele, sabe? Sinto pelos meus pais, que vão sofrer se ele morrer”.

Ela tem muitos “problemas de relacionamento” com o pai e o irmão, e é a convivência com eles que ela chama de “tóxica”. Relata que são “pessoas que brigam o tempo inteiro, são machistas, ofendem, humilham, agridem, me tratam mal, tratam mal minha mãe, então é bem complicado, assim, bem tóxico. Mas eu não tenho dinheiro pra sair de casa, assim, no momento, daí eu me submeto”.

Essa situação pode trazer à tona o aumento mundial de violência contra as mulheres⁷. No caso de Minerva, não há agressões físicas, mas morais. A sua saúde mental é algo que ela valoriza muito, também por conta da EM, visto que o alto estresse pode lhe causar problemas graves referentes à doença e suas implicações⁸. A pandemia, assim, traz consigo mais uma especificidade: mulheres são afetadas de maneiras diferentes, assim como as PCD.

Fazer isolamento social, ficar em casa, assim, são partes dos proto-

colos sugeridos de segurança que fogem às especificidades das pessoas em suas experiências cotidianas. Para Minerva, estar em casa é altamente perigoso. Sua condição com a EM torna sua casa um espaço quase inóspito. Seu refúgio está no único dia da semana em que vai à casa do namorado ou, ainda, quando está isolada da própria casa (ou do que “resta” dela), em seu quarto.

Diferenças são visíveis e perceptíveis nesses casos. Mas, há algumas semelhanças no que tange à deficiência de meus interlocutores. Em ambos os casos, o tratamento⁹ de suas condições foi afetado. Vulcano teve de parar, por longo tempo, de ir à natação, parte integral e sempre presente de seu tratamento. Sem este, seus músculos podem sofrer mais perda de força do que se realizado o exercício dentro da água. As idas e vindas, o “abre e fecha” do espaço trazem uma inconstância perigosa para o tratamento. Ele, durante a entrevista, estava com uma contratura muscular – inclusive se movimentou, trocando de posição, durante nossa conversa. Segundo Vulcano, isso pode ser efeito do fato de não fazer exercícios durante a pandemia.

Minerva tem uma outra relação com seu tratamento. Como precisa, periodicamente, por conta das lesões cerebrais que surgem por conta da EM, ir ao hospital, há um perigo de contaminação pela covid-19 conhecido e evitado por ela. Com a pandemia, por ter de cuidar mais dos contatos, precisou ir ao local de tratamento de Uber. E nisso, o valor das consultas e do tratamento aumentou muito, visto que cada viagem até o local de tratamento gira em torno de R\$100,00 (ou R\$200,00 no total, já que é ida e volta). Se não bastasse esse contexto todo, por conta da situação pandêmica Minerva está em *home office*. E isso, para uma servidora pública, o caso dela, é sinônimo de redução salarial.

Estas condições são demarcadas em relação às PCD no Boletim 35 da ANPOCS:

No caso das pessoas com deficiência, a pandemia do coronavírus evidencia o quanto a deficiência é politicamente engendrada a partir da interseção de marcadores sociais da diferença, os quais colocam essas pessoas em vulnerabilidade em relação à pandemia. Os dados mais recentes no Brasil, referentes ao Censo do IBGE de 2010, revelam que a deficiência não apenas é relacional e política, mas profundamente interseccional, configurada pela sobreposição das dinâmicas desiguais de gênero, classe e raça/etnia. Como várias pesquisadoras e pesquisadores da área das ciências humanas vêm insistindo, diante da pandemia do coronavírus as desigualdades são acentuadas e as condições e estruturas de vida fazem diferença, inclusive nas possibilidades de seguir as orientações mais generalistas de isolamento social, o #fiqueemcasa (SCHUCH; SARETTA, 2020).

A pandemia não apenas afetou o tratamento, portanto, no sentido de “medicar-se” ou “cuidar-se”, mas também aumentou muito os custos financeiros dele. O contexto geral, tanto quanto o particular, têm feito

surgirem problemáticas que são trabalhadas conforme surgem. Estratégias são criadas para se lidar com a pandemia. Esta, que chega para as PCD de maneiras muito diversas e bastante complexas. E isto se deve justamente às “sobreposições das dinâmicas de gênero, classe e raça/etnia”, que se relacionam de maneiras complexas, gerando vulnerabilidades nas vidas dessas pessoas.

O que aqui se refere, assim, é que a deficiência figura como marcador social de uma forma culturalmente produzida, isto é, ser PCD no contexto brasileiro (para se referir ao presente texto) é ter uma série de problemáticas que se referem ao corpo-capaz (MCRUER, 2006). E isso porque não se percebe, nas mídias, nas políticas de governo, nos reclames pandêmicos, a questão da corponormatividade.

Pesquisas como a de Schuch e Saretta, como as do dossiê *Disability and covid-19* (2020), são importantíssimas para percebermos que a pandemia ocorre não por conta de um vírus, simplesmente, mas por diferenças sociais (SEGATA, 2020). Estas que são marcadas, em muitos momentos, pela corponormatividade e a pressuposição de que os corpos são “normais”, o que leva a uma maior vulnerabilidade daqueles que precisam, cotidianamente, criar maneiras criativas de (sobre)vivência.

PCD PESQUISADOR, PANDEMIA E UMA AUTOETNOGRAFIA

Antes de iniciar este trecho do artigo, é interessante destacar que a autoetnografia é, ainda, bastante discutida e, em alguns momentos, descredibilizada. No entanto, acredito ser um método de etnografar bastante relevante, principalmente em relação aos corpos deficientes e à intersecção destes com a pesquisa em antropologia. É uma crítica aos modos de fazer antropologia (classicamente colocados como *situar-se, observar e descrever*, sem contar o “andar e ver”, clássicos do capacitismo dessa ciência), tanto quanto um modo de acessibilidade bastante complexo. Assim,

Gostaria, contudo, de chamar a atenção para algo da autoetnografia que gera problemas de interpretação em pessoas não habituadas a seu gênero literário: o que apresento aqui é fruto de minha experiência, mas do que dela também é partilhada com outras pessoas, como desenvolverei mais adiante. Assim, o que foi selecionado para ser exposto neste trabalho, assim como a forma como o que foi selecionado é apresentada, faz parte de todo um processo engajado com outras narrativas de pessoas com esclerose múltipla. E está relacionado, do começo ao fim, com a subversão desta forma narrativa que, ao camuflar o acesso a subjetividades, impõe um padrão de produção de conhecimento bastante específico, fruto do Iluminismo (GAMA, 2020, p. 189).

As narrativas aqui encontram dois pontos de experiências partilhadas: deficiência e pandemia. Estas se desdobram em outras, como as barreiras sociais e as diferentes formas de um corpo deficiente enfrentar uma pandemia. Ainda que diferentes, no entanto, as conversas que pude

ter com meus interlocutores, tanto formal quanto informalmente, me mostraram que meu corpo sofria de maneiras semelhantes em muitos pontos. O que nos unia pela partilha era o ter uma deficiência em um contexto pandêmico. Saliento, ainda, que sou homem, hétero, cis, branco e de classe média alta, tendo como principal fonte de renda a bolsa CAPES de meu doutorado em Antropologia Social (UFRGS).

A pandemia atingiu os ambientes educacionais de maneiras diversas. Um dos pontos principais, no entanto, é o fato do ensino remoto ter sido complexamente instalado nas instituições. Na universidade em que trabalho e estudo, sempre realizei a maior parte do meu trabalho à distância. Por conta de minha própria deficiência, me deslocar até a universidade era dificultoso, dolorido e muito cansativo. Os professores e a própria instituição, portanto, me apoiaram, permitindo que minhas aulas fossem realizadas via skype. Dessa maneira, pude completar minha pós-graduação de forma, ao menos na maior parte, remota.

Isso se estende para a pesquisa. Meus interlocutores, todos PCD, criaram, em conjunto comigo, uma forma de acessibilidade para as entrevistas. Também por skype e por whatsapp, as entrevistas foram realizadas, as conversas construídas e os dados coletados. Essa forma de acessibilidade metodológica discuto em um outro lugar (ALVES, 2020).

Com a chegada da situação pandêmica, portanto, o ensino remoto não me foi uma total novidade. O que se mostrou bastante diferente foram as formas de avaliação e as aulas em si, uma vez que diminuíram em tempo e outros métodos foram inseridos. O maior desafio desse momento, enquanto uma PCD, foi o de ficar sentado por muito tempo em frente ao computador – desafio este que já era presente anteriormente. Esse é um dos motivos pelos quais o traslado até a universidade foi difícil durante todo o mestrado: ficar muito tempo sentado faz com que eu tenha muitas dores, um cansaço, por conta da anemia, tome conta e, por ao menos dois dias após a viagem, preciso descansar, sob pena de sangramento e outras complicações “internas” do corpo.

Minha corporalidade assim é, tanto quanto a de meus interlocutores, atravessada pelo capacitismo (*ableism*), que é

uma rede de crenças, processos e práticas que produzem um tipo particular de *self* e de corpo (o padrão corporal) que é projetado como perfeito, típico da espécie e, portanto, essencial e completamente humano. Deficiência, então, é lançada como um estado diminuído de ser humano (CAMPBELL, 2009, [s.p.]).

Essa rede de crenças é também trazida no trabalho de McRuer (2006), em que se pressupõe que possa existir um corpo plenamente capaz, *able-bodiedness*, uma pressuposição que é em si idealizada e inatingível. Em uma paráfrase de Judith Butler em *Gender Trouble*, McRuer traz a reflexão do que seja o *able-bodiedness*:

[Able-bodiedness] offers normative... positions that are intrinsically impossible to embody, and the persistent failure to identify fully and

without incoherence with these positions reveals [able-bodiedness] itself not only as a compulsory law, but as an inevitable comedy. Indeed, I would offer this insight into [able-bodied identity] as both a compulsory system and an intrinsic comedy, a constant parody of itself, as an alter-native [disabled] perspective.¹⁰

Essas posições normativas são inatingíveis porque o que se espera de um corpo não pode de fato existir, nem de fato ser constituído ou referido.

Butler (2019), trazendo um texto de Irigaray (*Une mère de glace*), fala daquilo que “tem de ser excluído” na formação das “economias de inteligibilidade discursiva” para que estas economias “funcionem como sistemas de autossustentação” – essas perspectivas assentadas nas teorias foucaultianas de poder e discurso. Irigaray vai partir do binarismo de Platão, forma/significado, para mostrar que “essas oposições binárias são formuladas pela exclusão de um campo de possibilidades disruptivas”. Aqui é interessante pensar no corpo deficiente: ele não faz parte de um binarismo, uma vez que não existe o corpo “plenamente capaz”, muito menos o “plenamente deficiente”. Antes, o corpo deficiente serve como base para se pensar o corpo não deficiente, e, ao fazer isso, se excluem todas as outras possibilidades de corpos “intermediários” ou “marginais” dessa relação culturalmente construída.

A economia que pretende incluir o feminino como termo subordinado em uma oposição binária de masculino/feminino exclui o feminino, o produz como o que deve ser excluído para que a economia funcione (BUTLER, 2019, p. 72-73).

No caso das PCDs, a economia pretende incluir o deficiente nessa oposição “corpo capaz / corpo incapaz”, mas nessa tentativa o exclui, também como forma de manter a economia em funcionamento. E a exclusão não se dá apenas no sentido político e/ou social. Ela também se dá num sentido ontológico, que na presente pesquisa se apresenta pelas barreiras que as pessoas enfrentam cotidianamente até mesmo em suas próprias casas e ambientes familiares, que são atravessados pela pandemia – isto é, por uma estrutura capacitista.

O corpo deficiente, portanto, não teria *morphê*, isto é, morfologia, sendo ausente de contornos. Assim, não lhe é permitido ser o que é. Podemos perceber o quanto o corpo deficiente serve para “dar contornos” aos corpos que não são deficientes. A fala de Mariana Torquatto, por exemplo, é uma lembrança de que as dificuldades passadas pelas pessoas na pandemia, como a de ser obrigada a ficar em casa, já são sofridas pelas PCD simplesmente por serem quem são.

São os corpos deficientes, antes de qualquer coisa, que vão dar “forma” e “significado” (coloco entre aspas essas palavras a fim de demonstrar o quanto são discutíveis em seus próprios sentidos tanto quanto nos sentidos empregados aqui) para os corpos não deficientes. E, ao fazerem isso, se apagam do que seja o “domínio do humano” (BUTLER, 2019, p.

89). Na pandemia, embora alguns desses contornos tenham sido borrados, em suas vivências as PCD ainda passam por condições de vulnerabilidade que retomam essa concepção.

Uma das formas que encontrei para passar por essa situação com menor prejuízo foi diluir as atividades em frente ao computador durante a semana. Além disso, meu consumo de medicamentos para dor aumentou, bem como meu espaço de trabalho precisou ser (re)adaptado, com um apoio mais confortável para a perna e uma cadeira mais acolchoada. Estas, no entanto, foram, talvez, as menores das minhas preocupações¹¹.

Quando a pandemia “chegou” ao Brasil, a partir da primeira declaração para distanciamento social, em março de 2020, faziam apenas duas semanas que eu havia, pela primeira vez em minha vida, ido morar sozinho. Além disso, durante os dois primeiros meses, houve uma tentativa de cortes nas bolsas de pós-graduação, revertida posteriormente. Esse contexto todo já seria difícil sem uma deficiência. Com ela, as estratégias para de fato (sobre)viver tiveram de ser pensadas rapidamente.

Uma rede de apoio foi criada por amigos e familiares. Já que voltar para casa não era uma opção – por questões de espaço, tempo e outras que não cabem neste texto –, era necessário repensar todo o cotidiano. Como ir ao mercado? Qual mercado? Poderia ir, sendo grupo de risco? Se não, quem iria? Quanto de comida comprar, para que aqueles que fossem em meu lugar não precisassem se arriscar tanto? Como pagar o aluguel? E as outras contas? Quais trabalhos poderia tentar conseguir, caso a bolsa não voltasse mais? Quais ofereceriam menos riscos para mim no contexto presente?

Algumas dessas questões ainda rondam minha convivência, enquanto outras foram afastadas. O que se mostrou de fato necessário foi a ampliação da rede de apoio. A deficiência se constitui, como argumento em minha dissertação (ALVES, 2020), não apenas no corpo, mas nas interações sociais, nos contextos. E, naquele momento, o cuidado apareceu como única possibilidade de manter em um funcionamento mínimo dentro das circunstâncias.

Como estratégia para ir ao mercado, por exemplo, esperava até que algum familiar fosse para si. Assim, fazia uma lista com o que mais precisava e transferia o dinheiro posteriormente (após o retorno dos pagamentos das bolsas. Antes, tive de pedir muito dinheiro emprestado). Em relação à própria casa, os produtos eram limpos com álcool, deixados para secar próximos à janela e, só depois, guardados.

Dentro da casa, isolado, a faxina, o arrumar as coisas, fazer almoço, eram atividades que tinham de ser muito bem programadas. Isto porque o meu trabalho exigia que ficasse muito tempo em esforço em frente ao computador e não poderia arriscar não conseguir limpar a casa, fazer almoço ou escrever artigos/ler textos para as aulas.

Semelhante a Minerva e Vulcano, pude, com apoios, e com um maior gasto de dinheiro, me manter minimamente saudável – tive dois

episódios de crise de sangramento nesse período, o que, sem apoio, seria impossível de passar isolado em casa. Teria de me arriscar indo a um hospital, o que, por conversas com médicos já cientes do meu caso, seria muito mais perigoso.

O corpo deficiente, como colocado aqui, tanto por essa autoetnografia quanto pelos relatos de Minerva e Vulcano, se constitui de uma maneira bastante específica na pandemia. A criatividade, bem como o apoio, o cuidado, são necessário para que esses corpos (sobre)vivam. E isto porque as estruturas sociais já são em si mesmas capacitistas, como já argumentado. O que a pandemia fez foi escancarar essas diferenças entre o corpo normativo e os demais corpos.

As dificuldades e perigos pelos quais passei se estendem para outras pessoas. Tive outras conversas informais com PCD, que não apresentei aqui, mas que trazem semelhanças e que colocam essa “partilha” de experiências da deficiência como um ponto bastante crítico para pensarmos tanto a deficiência mesma como a pandemia de forma complexa.

A pandemia não atingiu a todos os lugares da mesma maneira. Muito menos os corpos divergentes. Os relatos aqui apresentados são a evidência de que a pandemia se dá e se apresenta de maneiras diversas, a depender do contexto de cada sujeito (SEGATA, 2020). Ela é uma interação entre corpo, estruturas sociais e contextos. Para os corpos deficientes, ela se apresenta muito mais violenta, perigosa, justamente porque as experiências sociais desses corpos já são perigosas e violentas.

Essa é uma das potencialidades dos corpos deficientes: fazer pensar sobre o social de maneiras que não estamos acostumados. Como divergentes, as PCD se destacam com sua potencialidade, criatividade e estratégias, mostrando, ainda mais, que uma pandemia está para além de um vírus, de uma doença. Ela é, antes, um problema estrutural, sistemático, e que é agravado quando encontra governos ineficazes e sem preparo algum.

REFLEXÕES FINAIS

É assim que podemos perceber o quanto a pandemia tem atingido de formas diferentes as pessoas. As PCD, como já explicitado, são categoria de risco por conta de todas essas questões. Suas deficiências, que nos casos trazidos no texto estão ligadas às doenças dos corpos, demandam contextos de cuidado que a pandemia dificulta muito. Ter de sair para realizar tratamento, o que mitiga dores, melhora condições de vida, tanto de saúde “corporal” quanto “mental”, é uma mostra de como o contexto atual atinge de maneiras diferentes as PCD.

Nessas experiências, no entanto, essas pessoas conseguem se manter em um cuidado de si. Este é um conceito trabalhado a partir das reflexões sobre as “técnicas de si” de Michel Foucault (2010, originalmente uma palestra de 1982, na University of Vermont) e que vem sendo trabalhado em relação ao cuidado (SILVA *et al.*, 2009; GIRALDO; ZULUAGA, 2013).

Essas técnicas de si, conforme colocam Silva *et al.*, são o que permitem

aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade (SILVA *et al.*, 2009, p. 700).

As vivências das PCD com quem conversei evidenciam exatamente isso. As diversas maneiras pelas quais buscam “transformarem-se” para que possam, “sozinhos ou com a ajuda de outros”, (sobre)viverem (n)à pandemia. Suas estratégias de convivência em suas casas, que não são espaços de simples “isolamento” ou de segurança. O quanto a pandemia é um conceito que não se coloca igualmente a todas as pessoas. Antes, cada um vive e experiência de acordo com sua própria deficiência, caso de meus interlocutores, numa relação com o contexto.

Portanto, autonomia e independência, aqui, aparecem quando percebemos os “cuidados de si”, como “técnicas de si” (FOUCAULT, 2010), dessas PCD. Elas envolvem a relação com outras pessoas, seja pelo buscar comida, seja pelas conversas on-line e os namoros ou *crushs*. É uma perspectiva do cuidado que não necessariamente envolve um direcionamento de um “cuidador” para um “cuidado” no sentido clássico do cuidado.

Atentar para o quanto da casa pode ser limpa sem que dores surjam, ou o momento certo de sair do quarto para não esbarrar com um irmão desrespeitoso, pegar um Uber ao invés de um ônibus, cozinhar sem ficar muito tempo em pé são exemplos dessas técnicas e estratégias das PCD. À vista disso, é importante ressaltar esse cuidado de si como mais uma das facetas do cuidado, este que vem se mostrando importante durante a pandemia pela qual todos estamos passando.

As PCD, em suas especificidades, têm sido bastante engenhosas em conviver e em (sobre)viver nesse contexto. A deficiência traz consigo uma vulnerabilidade que é cultural, no sentido de que o social não é pensado e construído pensando-se nessas pessoas – ao menos, não como “normais”, mas como maginais, como argumentado a partir de Butler (2019). Ainda assim, as PCD diariamente encontram maneiras de continuar, de (re)existir, de passarem por mais essa situação de maneiras criativas. Essa é a potencialidade de um corpo que é, comumente, tido como “incapaz”: encontrar sempre maneiras criativas de viver, como Foucault incluiria, com certeza, em suas técnicas de si.

NOTAS

1. O nome do canal é “Vai uma mãozinha aí?”, e faz alusão à deficiência de Mariana: ela não tem a mão esquerda e parte do braço. Link para o canal: <[encurtador.com.br/dkxO3](https://www.youtube.com/channel/UCkxO3)>.

2. Ver: OTTO, Isabella. Pandemia: “Viram como é ser alguém com deficiência e viver em isolamento”. *Capricho*, 24 out. 2020. Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/pandemia-viram-como-e-ser-alguem-com-deficiencia-e-viver-em-isolamento/>>. Acesso em: 19 abr. 2021.
3. Vulcano e Minerva são nomes fictícios. São os mesmos interlocutores com quem produzi minha dissertação (ALVES, 2020). Naquele momento, se criou um vínculo e até hoje nos falamos, trocando informações sobre pandemia, sobre assuntos relacionados a PCD ou sobre conteúdos diversos. Além disso, mantenho o hábito de enviar a eles, e aos outros interlocutores da pesquisa, dados, textos e artigos que produzo a partir das entrevistas realizadas. É uma forma de dar um retorno que, até o momento, os tem agradado. Esse contato permitiu que essas duas entrevistas fossem realizadas para fins deste artigo, portanto.
4. Vulcano, atualmente, é bolsista no doutorado em Biologia, na Universidade Federal do Rio Grande Sul, e vive com o valor da bolsa.
5. “Eu tenho Síndrome de Charcot-Marie-Tooth, que é uma síndrome que afeta os nervos periféricos e causa perda da bainha de mielina, gerando um enfraquecimento muscular e um comprometimento na informação levada aos músculos. É um quadro de tetraplegia, onde eu tenho uma fraqueza maior e uma perda de equilíbrio, com locomoção diminuída, nos membros, né? Braço e perna, mas ataca mais as pernas”. Parte da entrevista realizada para a dissertação.
6. Minerva trabalha na Faculdade de Farmácia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde é concursada. É graduada em Gestão Ambiental e atualmente cursa a segunda graduação, em Engenharia Química (UFRGS).
7. Ver: PRESSE, France. Com restrições da pandemia, aumento de violência contra a mulher é fenômeno mundial. *G1*, 23 abr. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/23/com-restricoes-da-pandemiaaumento-da-violencia-contra-a-mulher-e-fenomeno-mundial.ghtml>>. Acesso em: 19 abr. 2021.
8. Para mais informações sobre como o estresse pode afetar o corpo de Minerva por conta da EM, ver Alves (2020).
9. “Tratamento”, aqui, é uma categoria também êmica, utilizada por ambos os interlocutores para se referir a tudo aquilo que fazem para controlar, mitigar ou manejar a sua deficiência e/ou sua doença.
10. Tradução minha: “[Corpo-capaz] oferece posições normativas que são intrinsecamente impossíveis de incorporar, e a falha persistente em se identificar totalmente e sem incoerência com essas posições revela [a condição de corpo-capaz] não apenas como uma lei obrigatória, mas como uma comédia inevitável. Na verdade, eu ofereceria esse insight sobre [a identidade do corpo-capaz] tanto como um sistema obrigatório quanto como uma comédia intrínseca, uma paródia constante de si mesma, como uma perspectiva alternativa [das pessoas com deficiência]”.
11. Destaco aqui o artigo de Laís Leite, Maria Cecília Resende Silva, Thayná Millene Silva Simões, Ana Cláudia Soares Silva e Márcio Pereira, “Impactos da covid-19 na Graduação da Pessoa com Deficiência Visual”. Para a minha corporalidade, o acesso remoto às aulas foi uma acessibilidade magnífica. O artigo dos autores supracitados é interessante para pensar exatamente essa questão: nem toda acessibilidade será universal, cada contexto dirá o que são acessos e o que são barreiras. Essa é uma discussão importante e que, por conta do espaço e escopo deste artigo, não levarei adiante.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Jéferson. “*Eu vou morar nesse metrô, querido, porque aqui eu não sou deficiente*”: interação social das pessoas com deficiência em ambientes universitários e suas implicações nos seus modos de subjetivação. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- BLANC, Nathalie; LAUGIER, Sandra; MOLINIER, Pascale. O preço do invisível: as mulheres na pandemia. *Dilemas*, Rio de Janeiro, p. 1-13, 2020.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. Crocodilo Edições: São Paulo, 2019.
- CAMPBELL, Fiona. *Contours of ableism: the production of disability and abledness*. 1. ed. New South Wales: Springer, 2009.
- DAMICO, José Geraldo Soares. O corpo como marcador social: saúde, beleza e valoração de cuidados corporais de jovens mulheres. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 103-118, maio 2006.
- DINIZ, Débora. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DISABILITY STUDIES QUARTERLY. *Disability and covid-19*. v. 41, n. 3, 2021. Disponível em: <<https://dsq-sds.org/issue/view/258>>. Acesso: 30 out. 2021.
- FIETZ, Helena Moura. *Deficiência e práticas de cuidado: uma etnografia sobre “problemas de cabeça” em um bairro popular*. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- FINE, Michael; GLENDINNING, Caroline. Dependence, independence or inter-dependence? Revisiting the concepts of ‘care’ and ‘dependency’. *Ageing & society*, [s. l.], v. 25, n. 4, p. 601-621, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *As Técnicas de Si*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves. 2010. Disponível em: <https://metodologiaangel.files.wordpress.com/2010/10/foucault-michel_as-tc3a9cnicas-de-si_1982.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. *Anuário Antropológico*, v. 45, n. 2, p. 188-208, 2020.
- GAVÉRIO, Marco Antônio. *Nada sobre nós, sem nossos corpos! O local do corpo deficiente nos disability studies*. *Revista Argumentos*, Montes Claros, v. 14, n. 1, p. 95-117, jan./jun. 2017.

- GIRALDO, Luis Fernando Garcés; ZULUAGA, Conrado Giraldo. El cuidado de sí y de los otros en Foucault, principio orientador para la construcción de una bioética del cuidado. *Discusiones Filosóficas*, v. 14, n. 22, p. 187-201, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/difil/v14n22/v14n22a12.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- KOFES, Suely. Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações. *Cadernos Pagu*, v. 1, p. 19-30, 1993.
- KRÖGER, Teppo. Care research and disability studies: nothing in common? *Critical Social Policy*, [s. l.], v. 29, n. 3, p. 398-420, 2009.
- LEITE, L.; SILVA, M. C. R.; SIMÕES, T. M. S.; SILVA, A. C. S.; PEREIRA, M. Impactos da Covid-19 na graduação da Pessoa com Deficiência Visual. *Revista Encantar*, v. 2, p. 01-14, 10 jul. 2020.
- LOPES, Pedro. Deficiência como categoria analítica: trânsitos entre ser, estar e se tornar. *Anuário Antropológico*, v. 44, n. 1, p. 67-91, 2019.
- MCRUER, Robert. *Crip theory: cultural signs of queerness and disability*. New York; London: New York University Press, 2006.
- MCRUER, Robert; MOLLOW, Anna (org.). *Sex and disability*. Durham; London: Duke University Press, 2012.
- MELLO, Anahí Guedes de. *Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência*. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- MELLO, Anahí Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: intersecções e perspectivas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 635-655, 2012.
- MELLO, Anahí Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Corpo, gênero e sexualidade na experiência da deficiência: algumas notas de campo. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, Salvador, 2013. *Anais...* Salvador: 2013.
- MELLO, Anahí Guedes de; GAVÉRIO, Marco Antonio. Facts of cripness to the Brazilian: dialogues with Avatar, the film. *Anuário Antropológico*, v. 44, n. 1, p. 43-65, 2019. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/aa/3481>>. Acesso em: 08 mar. 2021.
- MOL, Annemarie; MOSER, Ingunn; POLS, Jeannette. *Care in practice: on tinkering in clinics, homes and farms*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2015.
- PRESSE, France. *Com restrições da pandemia, aumento de violência contra a mulher é fenômeno mundial*. G1, [S.l.], 23 abr. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/23/com-restricoes-da-pandemia-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-e-fenomeno-mundial.ghtml>>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- REDE COVID-19 HUMANIDADES. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/redecovid19humanidades/index.php/br>>. Acesso em: 30 out. 2021.

- SALDANHA, J.H.S.; ALMEIDA, M.M.C.; PEREIRA, A.P.M.; SANTOS, A. O. C.; MIRANDA, B. S.; CARVALHO, H. K. S.; NASCIMENTO, L. C.; AMARAL, M. S.; MACEDO, M. S.; CATRINI, M. Pessoas com deficiência na pandemia da covid-19: garantia de direitos fundamentais e equidade no cuidado. *Cadernos de Saúde Pública*, n. 37, v. 9, 2021.
- SCHUCH, Patrice; VÍCTORA, Ceres; SIQUEIRA, Monalisa Dias de. Cuidado e controle na gestão da velhice. *Dilemas: reflexões na pandemia*, Rio de Janeiro, p. 1-14, 2020.
- SCHUCH, Patrice; SARETTA, Mário. *Boletim 35: deficiência, coronavírus e políticas de vida e morte*. 2020. Disponível em: <encurtador.com.br/qvCP3>. Acesso em: 30 out. 2021.
- SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Atenção psicológica e umbanda: experiência de cuidado e acolhimento em saúde mental. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 14, n. 3, p. 773-794, 2014.
- SEGATA, Jean. Covid-19, biossegurança e antropologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 26, n. 57, p. 275-313, 2020.
- SEGATA, Jean; BECK, Luiza; MUCCILLO, Luísa. A covid-19 e o capitalismo na carne. *Tessituras - revista de antropologia e arqueologia*, v. 8, n. 1, p. 354-373, 2020.
- SILVA, Irene de Jesus *et al.* Cuidado, auto cuidado y cuidado de sí: una comprensión paradigmática para el cuidado de enfermería. *Rev. esc. enferm. USP*, v. 43, n. 3, p. 697-703, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080=62342009000300028-&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- TRONTO, Joan C. *Who cares? how to reshape a democratic politics*. Ithaca; Londres: Cornell University Press, 2015.

SUBMETIDO EM: 09/08/2021

APROVADO EM: 27/10/2021